

CINDERELA
NOS ENTRELACES
DA TRADIÇÃO

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Adolfo Ignacio Calderon – PUC/Campinas
Prof. Dr. Afranio Mendes Catani – USP
Prof. Dr. Altair Alberto Fávero – UPF/RS
Profa. Dra. Carina Maciel – UFMG/MS
Prof. Dr. Diego Bechi – UPF/RS
Profa. Dra. Edineide Jezine – UFPA
Profa. Dra. Egeslaine De Nez – UFRGS/RS
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp/SP
Prof. Dr. Elton Luis Nardi – Unoesc/SC
Prof. Dr. Gildenir Carolino Santos – Unicamp/SP
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar/SP
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp/SP
Prof. Dr. José Vieira de Sousa – UnB/DF
Profa. Dra. Lara Carlette Thiengo – UFVIMG – MG
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC/PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC/SC
Profa. Dr. Ignacio Calderon – PUCC/SP
Profa. Dra. Maria Abadia da Silva – UnB/DF
Profa. Dra. Maria Tereza Ceron Trevisol – Unoesc/SC
Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp
Profa. Dra. Maria Vieira Silva – UFU/MG
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodrigues – UFMS/RS
Profa. Dra. Marilda Pasqual Scheneider – Unoesc/SC
Profa. Dra. Marília Morosini – PUCRS/RS
Prof. Dr. Pablo Gentili – UERJ/RJ
Prof. Dr. Paulo Almeida – UFPA/PA
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp/SP
Profa. Dra. Romilda Teodora Ens – PUCPR/PR
Profa. Dra. Rosane Sarturi – UFSM/RS
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA/PA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrián Ascolani – Universidad Nacional de Rosario/Conicet/Argentina
Prof. Dr. Adrian Cammarota – IDES/Argentina
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Universidad de Granada/Facultad de Ciencias de la Educación/Espanha
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aviero/Portugal
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/Portugal
Prof. Dr. Enrique Martínez Larrechea – Iusur/Uruguai
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho/Portugal
Prof. Dr. Geo Saura – Universidad de Granada – Espanha
Prof. Dr. Jaime Moreles Vazquez – Universidade de Colima/México
Profa. Dra. Maria Carmen Lopez Lopez – Universidade de Granada/Espanha
Profa. Dra. Maria Cristina Parra Sandoval – Universidad del Zulia/Venezuela
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján/Argentina
Profa. Dra. María Verónica Leiva Guerrero – Pontificia Universidad Católica de Valparaíso/Chile
Prof. Dr. Mariano Fernandez Enguita – Universidad de Madrid/ Espanha
Prof. Dr. Norberto Lamarra – Universidad Trés de Febrero – Argentina
Profa. Dra. Olga Cecília Diaz Flores – Universidad Nacional Pedagógica – Colômbia
Prof. Dr. Pablo Garcia – Universidad Trés de Febrero/Argentina
Profa. Dra. Patricia Viera Duarte – Universidad de la Republica/Uruguai

Conselho Editorial do Laboratório de Edição Fábrica de Letras

Ana Paula Pacheco (USP)
André Mitidieri (UESC)
Antônio Luciano Tosta (KU/USA)
Berenice Granados (UNAM/México)
Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFES)
Cícero Anastácio Araújo de Miranda (UFC)
Claudio Cledson Novaes (UEFS)
Denise Dias de Carvalho Sousa (UNEB/Campus IV/Jacobina)
Jordi Canal i Morell (EHESC/França)
Marcelo Ferraz (UFG)
Marcio Roberto Pereira (UNESP/Assis)
Marcus A. Assis Lima (UESB)
Mário César Lugarinho (USP)
Mauro Mamani Macedo (UNMSM/Peru)
Rejane Cristina Rocha (UFSCar)
Sônia Queiroz (UFMG)
Wander Melo Miranda (UFMG)

EDIL SILVA COSTA

**CINDERELA
NOS ENTRELACES
DA TRADIÇÃO**

(2. ed. revista e ampliada)

Edição comemorativa de 30 anos de vida acadêmica
na Universidade do Estado da Bahia

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, Edil Silva

Cinderela nos entrelances da tradição / Edil Silva Costa. –
2. ed. rev. ampl. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022.
– (Coleção Pós Crítica)

ISBN 978-85-7591-669-8

1. Contos folclóricos – História e crítica I. Título II. Série.

22-138935

CDD-398.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos de fadas : História e crítica 398.2

capa: Studio Rotta Design Grafico

gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

ilustrações: Ruy Carvalho e Luiz Ramos

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão: Andrea Betânia da Silva

revisão final da autora

bibliotecária: Inajara Pires de Souza – CRB PR-001652/O

PROAP / CAPES

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Dedicatória

*Dedico este livro (in memoriam) às três mulheres que nortearam
minha vida acadêmica: Doralice Fernandes X. Alcoforado, Maria
del Rosário Suarez Albán e Jerusa Pires Ferreira.*

Agradeço:

*Aos narradores dos contos populares pelos momentos
deliciosos de fantasia e aventura, em especial a Eli,
que meu deu de presente o seu “Caranguejinho Dourado”.*

*A Bráulio do Nascimento (in memoriam) e demais pesquisadores
do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL; a toda
a equipe do PEPLP, em especial a Leo, Cely, Mari Ângela e
Karina, solidárias nas transcrições;*

A Aramis Ribeiro Costa e Gerana Damulakis;

Aos meus colegas e alunos da UNEB,

Campus de Alagoinhas, por tudo.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO	11
<i>Doralice Alcoforado</i>	
PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO	15
<i>Jerusa Pires Ferreira</i>	
Prefácio da segunda edição	
O CAMINHO A SER PERCORRIDO	19
Parte I: AS CINDERELAS BAIANAS	23
<i>O texto oral e seus trançados</i>	
<i>A tradição portuguesa e a brasileira</i>	
<i>A Gata Borracheira no Brasil</i>	
<i>A Literatura Infantil</i>	
<i>Giambattista Basile e a tradição italiana</i>	
<i>A Literatura Infantil e a tradição francesa</i>	
<i>A coleta dos Irmãos Grimm</i>	
<i>A tradição oral baiana</i>	
<i>A fixação dos textos</i>	
<i>Versões baianas</i>	
<i>A versão escrita</i>	
<i>O caranguejo e sua simbologia</i>	
<i>Onde os fios se entrelaçam</i>	

1. A história de uma caranguejinha (Salvador)
2. As comadres (Salvador)
3. Maria Borracheira [Pele de Asno] (Salvador)
4. História do couro (Tanquinho)
5. Maria Borracheira (Anagé)
6. Maria Borracheira (Itapetinga)
7. Maria Borracheira (Itaquara)
8. Pele de Asno (Amargosa)
9. Maria Borracheira (Amargosa)
10. A moça de pau (Brejões)
11. Maria Borracheira (Subaúma)
12. Cinderela (Subaúma)
13. Maria Borracheira (Subaúma)
14. Maria Borracheira (Subaúma)
15. A Gata Borracheira (Porto Sauípe)
16. Maria Borracheira (Porto Sauípe)
17. Maria Borracheira (Açu da Torre)
18. Maria Borracheira (Sauípe)
19. Maria Borracheira (Baixio)
20. Maria Borracheira (Palame)
21. O caranguejinho dourado (Salvador)
22. A caranguejinha (Camaçari)
23. Pele de Asno (Barra)
24. Maria Borracheira (Piatã)
25. Maria Borracheira (Inhambupe)
26. Maria Borracheira (Buracica)
27. Maria Roída (Irará)
28. Maria Borracheira (Alagoinhas)
29. Maria Borracheira (Alagoinhas)
30. Maria Borracheira (Alagoinhas)

Havia sido capturado, de maneira imprevista, pela natureza tentacular, aracnídea do meu objeto de estudo; e não era esse um modo formal e externo de posse: pelo contrário, colocava-me perante sua propriedade mais secreta – uma infinita variedade e infinita repetição.

Ítalo Calvino, *Fábulas italianas*, 1992.

No caleidoscópio do discurso que faz o intérprete de poesia na praça do mercado, na corte senhorial, no adro da igreja, o que se revela àqueles que o escutam é a unidade do mundo. Os ouvintes precisam de tal percepção pra... sobreviver.

Paul Zumthor, *A letra e a voz*, 1993.

APRESENTAÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Doralice Fernandes Xavier Alcoforado

De um conjunto de 20 versões do conto “A Gata Borrallheira” selecionadas entre as 144 coletadas em terras baianas nos últimos 12 anos pelo Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular da UFBA, Edil Silva Costa, em Cinderela nos entrelaces da tradição, faz uma abordagem literária desse conto-tipo recriado em vários sistemas de signos a partir da matriz impressa de Charles Perrault.

Nesse estudo, apresentado inicialmente como dissertação de Mestrado, a análise descritiva dos textos norteou a classificação do conjunto de versões de “A Gata Borrallheira”, o mais registrado na Bahia, em três subtipos. O primeiro, com um maior número de versões e mais próximo da tradição portuguesa, traz como ajudante mágico uma vaca ou a fada madrinha. No segundo, recriação da matriz «Pele de Asno», a narrativa desenvolve-se em torno do tema do incesto de que a heroína é vítima e do qual se livra vestida em estranha roupa, fugindo do próprio pai que com ela quer casar-se.

Mas é na vertente “O Caranguejinho Dourado”, pouco conhecida, encontrada na Bahia, que a professora Edil centra a sua análise. Nas 10 versões estudadas, o ajudante mágico, em

maior número, é um caranguejo, podendo ser também um siri, um peixe, uma tartaruga, uma galinha ou mesmo uma sereia, e não a tradicional vaca ou fada, mais conhecida na tradição desse conto. Embora assemelhem-se na sequência inicial às dos demais subtipos, as versões de “O Caranguejinho Dourado” organizam-se introduzindo modificações na estrutura fabular e temática do conto. O ajudante mágico é morto, como a vaca, e enterrado. Do seu corpo nasce uma roseira, cuja flor, que só a heroína consegue colher, vai ser o objeto responsável pelo seu encontro com o príncipe, em vez do tradicional sapatinho de cristal imortalizado por Perrault.

Ao assumir, no enfoque teórico do seu trabalho, uma perspectiva multidisciplinar apoiada na antropologia cultural, Edil Silva Costa traz uma importante contribuição não apenas ao estudo desse conto-tipo, mas do conto popular, em geral. Ao eleger um material coletado recentemente na Bahia que lhe é familiar, uma vez que participou desde os primeiros momentos da sua coleta de campo, possibilita a um público mais amplo o conhecimento de uma memória ancestral ainda viva e funcional que vem se recodificando em nosso Estado, incorporando novos signos culturais a esse conto, presente no universo de vários povos, integrando, dessa forma, o local ao universal.

Assim, também como texto etnográfico, o conto popular reafirma-se como “lugar de produção e reprodução de identidade social e cultural”, tão bem explicitado por Jean Noël Pelen.

Salvador, 1998.



Ilustração: Luiz Ramos

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO (1998)

Jerusa Pires Ferreira

Que sentido tem neste momento, em que tantas tecnologias se encontram, propiciam e despropiciam conquistas, falar de conto popular, de narrativas orais que se mantêm e traduzem a memória viva e a arte integradora de uma comunidade ou de comunidades que, de algum modo, estão à margem?

Situar-se diante do conto popular é mesmo enfrentar não um mistério, porém muitos, ir desvendando toda uma arqueologia mito-poética, perceber razões ancestrais.

De um lado, a construção de complexa cosmogonia, de outro a inscrição contínua de práticas correntes e cotidianas de grupos que conservam e continuam a transmitir estes tesouros da experiência humana.

Não nos caberia situar onde tudo começou, mas constatar o que e como persiste. Podemos evocar também, para entendimento e sistematização, a façanha comparativista do século XIX, as razões de uma mitologia comparada, os mapeamentos situadores e classificatórios da Escola Finlandesa, as reflexões sobre a hipótese do conto indo-europeu, a contribuição morfológica de Propp, e daí por diante.

Mas aqui o que, de fato, parece intensamente sugestivo é a existência de uma espécie de território universal, recuando a perder de vista, perpetuador de situações ligadas aos mais diversos ritmos e ritos da vida social – à natureza, ao mundo agrário e a toda uma ordem que aproxima o individual do coletivo, conciliando o social e o cósmico.

Em diversas partes do mundo repercutem tópicos, tema, desenvolvimentos afins como se houvesse um grande texto pairando sobre tudo, como uma espécie de narrativa virtual que em dado momento emerge e se atualiza. Esse grande texto pede presença viva, realização dramática, performance e público. Essa atuação re-semantiza o que recebeu, no bojo da cultura em que se recria, carregada de desafios, escolhas, soluções...

Lembremos que o conto oral, a história de encantamento, de magia ou o que se chamou de o conto de fadas, através de várias mediações, tem em sua espantosa unidade a diferença, as sutilezas do individual, a inscrição do tempo histórico no corpo mítico, como que a procura de algo fundamental a ser transmitido.

Circunscrito muitas vezes ao mundo da oralidade, traz sempre a marca de muitas escrituras, de etapas sucessivas e intermitentes do oral/escrito.

Há a força do contador, aquele que a etnologia tradicional batizou (canhestramente) de informante e diante do qual nos maravilhamos.

Podemos, então, entender quanto a comunidade se manifesta nesta arte criada em conexão com as demandas no sentido mais pleno, pulsão, linguagem, expectativa...

Não podemos ignorar, porém, que há todo um trabalho de re-criação e de escritura por parte dos grandes recolhedores seja Andersen, os Grimm, Perrault, Afanássiev ou os de língua portuguesa, Sílvia Romero e Câmara Cascudo, e nem deixar de lembrar a importância das coletâneas de histórias que se transmitiram para crianças e que, em circuitos editoriais

popularizantes, vieram a atuar como matrizes impressas do oral (como tenho procurado mostrar em meus trabalhos).

... Mas o que nos chama a atenção é o espaço que conquistaram determinadas histórias, o percurso e o assentamento de um conto universal como a Cinderela, por sua vez tão difundido e recriado pelos mais diversos meios, citação permanente em nosso imaginário. A Cinderela, que merece um número dos Cahiers de Littérature Orale, trazendo na capa a figura de Marilyn Monroe (curiosa sugestão), é um ícone que povoou desde a infância nossa construção de mundo. Pena, surpresa, castigo, reversão – a madrasta e suas filhas perversas, o borralho com lugar de cinzas e do sacrifício (Cenicenta). A bondade valorizada, a maldade em confronto. O episódio dos dedos das invejosas cortados para caber no sapato, quando da procura do príncipe. A predestinação do sapato de cristal, objeto salvador, o fetiche do objeto em seu estojo e os pés delicados.

Em todos os casos nos encontramos diante de algumas questões centrais, leitura da tradição e da transmissão cultural. E sempre, na mesa, o conceito de arquétipo (repetição de antigas situações) e a manutenção de situações sempre prontas a se viabilizar aqui ou lá. Também a noção de paisagem cultural e ainda uma espécie de meta-conhecimento que preside à fruição e a sequência deste contínuo-historial. O trabalho de Edil Silva Costa, Cinderela nos entrelaces da tradição, vai situando tudo isto, procurando recuperar e tocar em pontos essenciais. Ele nos oferece, na medida do possível, alguns fios para que possamos enfrentar a trama e para que possamos chegar à Cinderela baiana, recolha, antologia, achado, que nos instigam. Não é uma leitura esporádica. Situa-se no âmbito de um projeto maior sobre o Conto Popular e o Romanceiro desenvolvido na Universidade Federal da Bahia.

Aí se oferece uma contribuição especial, um corpus da Bahia em sua dimensão universal, luso-brasileira e regional, inscrevendo marcas da paisagem e do ecossistema, do mesmo

modo que na China aparece a Cinderela usando chapéu de palha de arroz. Acompanha-se a conservação de certos núcleos fortes que configuram a história de Cinderela e de denominações e registros adaptativos: Maria Cara de Pau, A moça do caranguejinho dourado, Maria Borradeira, Pele de Asno... Há no contar dessa gente baiana (criação e recriação insistentes) a marca própria, dramática e humana, justificando, neste fim de milênio, todo um esforço de escuta que se transforma em prazer e em conhecimento.

Estes saberes narrativos preenchem importantes espaços de nossa imaginação e até nos preparam para enfrentar os desafios que nos esperam.

Jerusa Pires Ferreira

Professora da Universidade de São Paulo
e do Programa de Comunicação e Semiótica PUC-SP.
Autora de inúmeros trabalhos sobre as literaturas orais.



Ilustração: Luiz Ramos

Prefácio da segunda edição
O CAMINHO A SER PERCORRIDO

Mais de vinte anos se passaram desde a primeira edição do livro *Cinderela* nos entrelaces da tradição (Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia; Fundação Cultural, EGBA, 1998), resultado de uma pesquisa de mestrado concluída na década de 1990. De lá para cá segui estudando o que já nas primeiras experiências como pesquisadora, ainda graduanda, se tornou uma paixão: o conto popular. Foi também esse o tema que escolhi para o meu doutoramento. Muitas coisas aconteceram nesse período: tornei-me professora da Universidade do Estado da Bahia; associei-me ao Grupo de Trabalho Literatura Oral e Popular da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), do qual já fui coordenadora, mas também vice coordenadora e secretária; integrei a Comissão Baiana de Folclore, como secretária e presidente; orientei trabalhos de iniciação científica, mestrado e doutorado na área das poéticas orais. O trabalho pioneiro na década de 1990 se ampliou e frutificou. Tornou-se referência, passou a figurar no catálogo do conto popular brasileiro organizado pelo saudoso pesquisador Bráulio do Nascimento.

Ao reler esse primeiro trabalho que dei forma de livro, causou-me certo espanto algumas colocações que fiz com tanta segurança àquele momento distante. Hoje, com mais maturidade, aprendi a colocar sempre em dúvida as considerações. No entanto, embora as afirmações pareçam hoje equivocadas, grande parte das premissas continuam válidas. Isso me animou a levar a cabo essa empreitada de reeditar o livro que até hoje foi o que mais me rendeu frutos e me deu mais alegrias.

Considerando as contribuições imensuráveis de três damas que nortearam minha vida profissional e que já se foram, percebi que seria também uma forma de as homenagear. Doralice Fernandes Xavier Alcoforado, minha primeira orientadora, me abriu as portas para os estudos sobre oralidade e conto popular. Maria del Rosário Suarez Albán, incansável companheira de Dora nas pesquisas por territórios baianos, foi minha orientadora no mestrado e grande incentivadora, além de mediadora no contato com Jerusa Pires Ferreira, de quem tive a honra e a alegria de ser orientanda no doutorado. Sem essas três mulheres essa pesquisa não teria tomado forma. Sem elas eu não me tornaria a profissional e a pessoa que sou. Sem o entusiasmo delas não seria eu entusiasta das poéticas orais nem da cultura popular.

A vida segue seu curso e, infelizmente, as três mulheres a quem dedico este livro tiveram suas vidas ceifadas precocemente. A obra considerável que deixaram é um alento para a saudade porque vive em nós.

Considerando o amadurecimento como pesquisadora, ao longo de meus 30 anos de vida profissional revi algumas colocações feitas com firmeza e paixão de iniciante no livro publicado na década de 1990. Longe de ter pudor na exposição de certas premissas, antes terei orgulho de revelá-las por perceber que, tal Capitu, a fruta já estava dentro da casca. Dessa forma, percorri mais uma vez o caminho e fiz a atualização do texto, mas conservei algumas colocações que podem parecer estranhas